



“Arapuca”, montagem da União Faz a Farsa, está em cartaz durante os finais de semana de agosto no anexo do TJA

# “Arapuca” é o cartaz do anexo do TJA

## O espetáculo ganhou festivais, mas padece com falta de público

“Vá ao Teatro, mas não me chame” faz trocadilho com a frase “Vá ao Teatro” da campanha de popularização realizada em 1990 no Estado de São Paulo. Mas parece que o que realmente vingou e se espalhou pelo Brasil inteiro foi a piada e as pessoas, que já não frequentavam os teatros, encontraram nela uma boa desculpa. Ainda mais em Fortaleza, considerada pela atriz Marieta Severo como a pior praça para espetáculos. Revoltados com a falta de público o grupo de teatro “A União Faz a Farsa” lança a seguinte questão: Por que o povo cearense não vai ao teatro?

As explicações são muitas. Uma delas seria o preço dos ingressos. Essa possibilidade é descartada logo de cara porque os grupos da cidade não cobram mais de cinco reais pela entrada. Outra pode ser a localização do Theatro José de Alencar. A praça, que leva o mesmo nome, é pouco iluminada o que gera receio nas pessoas. Uma terceira e mais convincente pode ser a falta de costume.

Uma tentativa para incentivar o gosto e fazer com que as pessoas criassem o hábito de frequentar as salas de espetáculos da cidade aconteceu em 1994, através de uma campanha de popularização do teatro promovida pela Secult com o nome “Projeto Encenação”. Durante seis meses artistas se empenharam em reeducar o público com palestras, além de espetáculos com ingressos a preços populares. O resultado foi positivo e as salas ficaram lotadas. Passada a campanha, as cadeiras dos teatros voltaram a ficar vazias.

Dois anos depois os teatros continuam às moscas, assim como as salas alternativas. O grupo “A União Faz a Farsa” não se conforma. Eles, vencedores no ano passado, com a peça “Arapuca”, do I Festival de Teatro de Fortaleza, promovido pela Secult, hoje costumam ter um público que não passa de 15 pessoas. O grupo dirigido por Francisco Wellington, fez a primeira apresentação da peça na Boate Galpão em agosto de 95. Ficou três meses em cartaz no Teatro do Ibeu e em julho deste ano fez

uma curta temporada no anexo do Theatro José de Alencar.

Embora o anexo, uma espécie de teatro de bolso com capacidade para 90 pessoas, seja confortável e agradável por deixar o público mais íntimo com o espetáculo, a ida para lá não foi a melhor solução para o grupo. Primeiro o seu acesso era por uma das portarias ao lado da entrada principal do José de Alencar. “As pessoas chegavam e viam o teatro todo apagado e iam embora”. O grupo fez uma reivindicação junto a direção do TJA e conseguiu que a porta do teatro servisse de entrada para o anexo. “O público aumentou para 30 pessoas. Mas mesmo assim foi uma margem muito pequena”, lamentou Wellington.

A única solução encontrada pelo “A União Faz a Farsa” para não deixar que a chama do teatro se apague, é seguir a sugestão do cantor Milton Nascimento “todo o artista tem que ir aonde o povo está”. O jeito foi apelar para o teatro de rua. Eles estão preparando para estrear em setembro deste ano, a peça “O moço que casou com a mulher braba”. O grupo pretende apresentar o espetáculo nas principais praças e praias de Fortaleza. Mas esse tipo de proposta que lembra muito os espetáculos da Idade Média, gera outro problema.

Como manter a qualidade da peça sem cobrar ingressos e podendo contar apenas com o dinheiro incerto arrecadado no “passar o chapéu”? Assim como a maior parte dos grupos de teatro da cidade, o “A União Faz a Farsa” não conta com nenhum tipo de patrocínio para suas peças e tem que se conformar apenas com os favores de amigos para a compra de material cênico e figurinos. Mas antes de ir para a rua o grupo fará mais uma tentativa no anexo do Theatro José de Alencar onde reestrou na sexta-feira passada a peça “Arapuca”. “Quem sabe desta vez conseguiremos atrair o público”, espera Wellington.

A peça

## Humor, drama e suspense

A peça “Arapuca”, que reestrou ontem no anexo do Theatro José de Alencar é uma comédia que mistura humor com drama e pitadas de suspense. Extraída, à princípio, de um texto do inglês Robert Thomas, foi transportada em toda a sua ação pelo diretor Francisco Wellington para o interior do Ceará. A história se passa na cidade de Icaraiá, distrito de Caucaia.

Tudo ia muito bem até que Wellington encontrou o livro de provérbios “Adagianos Brasileiros”, editado pelo BNB. Dele o diretor extraiu provérbios populares e completou a comédia “Arapuca”. Para torná-la ainda mais regionalista os noivos da história cansam-se na igreja de São Francisco do Canindé.

Uma característica que chama a atenção para a peça é que toda a trama acontece sobre uma tabuleiro de xadrez. O tabuleiro tem o poder de transformar o contexto do espetáculo num grande jogo de estratégia onde os atores, encarnados em seus personagens, se movem como peças do jogo. Para diferenciar ainda mais a coisa do jogo os figurinos, confeccionados pelo próprio grupo, são em preto e branco. Melhor para quem entende de xadrez, embora o diretor garanta que quem não tiver nem a menor noção do jogo não sairá perdendo nada.

Serviço

“Arapuca”, comédia do grupo cearense “A União Faz a Farsa”. Estará durante todo o mês de agosto, de sexta a domingo, a partir das 21 horas, no Anexo do Theatro José de Alencar. Ingressos na bilheteria do teatro à R\$ 5,00.